

BREVE MEMÓRIA HISTÓRICA

IGREJA DO SANTO CRISTO DE OUTEIRO – BRAGANÇA



A Igreja do Santo Cristo foi declarada Monumento Nacional pelo Decreto n.º 14615, publicado no Diário do Governo n.º 260 - Série I, em 24 de Novembro de 1927.

«A Igreja do Santo Cristo de Outeiro está situada no centro da povoação no local chamado “as Eiras”, junto à estrada que vai de Bragança para Miranda. Raro é o visitante ou estrangeiro que conta neste sítio com um monumento tão grandioso e artístico. Nenhuma das atuais e antigas sedes de concelho do Nordeste Transmontano, excetuando a cidade de Miranda do Douro, nem a própria cidade de Bragança têm a honra de possuir um edifício tão esplendoroso e de arquitetura tão primorosa, harmoniosa e simétrica».

Mourinho, António Rodrigues – *“Arquitectura Religiosa da Diocese de Miranda do Douro – Bragança”* Sendim, 1995

O templo do Santo Cristo de Outeiro teve por antecedente a pequena capela da Santa Cruz, hoje designada por Capelinha, situada na parte oriental do santuário.



CAPELA DA SANTA CRUZ -----
Hoje conhecida por Capelinha, situa-se na parte oriental do templo.

Segundo Mourinho (1995) durante longos anos, esta pequena capela esteve votada ao abandono, entrando nela os gados e sendo quase profanada. Foram retiradas pedras do alpendre, ornamentos e alfaias, estando a imagem do Senhor cheia de pó e teias de aranha.

A 26 de abril de 1698, o padre carmelita Luís de Sousa Joseph durante a celebração da eucaristia viu o Cristo da capelinha a “suar gotas de água”. Este fato terá também sido observado pelo Juiz de Fora António Moreira da Cunha e o próprio bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, tomou também conhecimento do prodígio.

Tal acontecimento encontra-se testemunhado pela inscrição na parte superior da porta onde pode ler-se: *“Nesta Capela suou o S.XPº a 26 de abril de 1698”*. Terá sido este acontecimento que

conduziu ao espanto, do qual nasceu a esperança. Sofredores acorreram de mil lugares e, ao tocarem o suor da imagem, curavam-se.

Esta notícia correu rapidamente por toda a diocese de Miranda, Braga e pelas províncias espanholas da Galiza e Castela e Leão de tal modo que no dia 3 de Maio deste mesmo ano de 1698, se juntou em Outeiro tão grande multidão que foi necessário rezar a missa fora da capela e alertar as autoridades para prevenir eventuais desordens.

A capela tornou-se pequena para acolher tantos fiéis, tendo-se iniciado também nesse ano de 1698 a construção do templo que viria a ser aberto ao público a 3 de Maio de 1713, ainda inacabado pois segundo Mourinho (1995), as obras prolongaram-se até 1740.

No ano de 1722 construiu-se o retábulo do altar-mor, de talha barroca que é «dos mais majestosos e artísticos que possuem as igrejas transmontanas» (Lourenço et al, 1999).

Existem referências a trabalhos nos arcos ainda em 1726, e no lajeado de 1726 a 1728. No ano de 1732 foram pintados os púlpitos. O coro, os pórticos e, com certeza, as abóbadas foram executados no período de 1726 a 1738. No ano de 1740 foram construídos os dois retábulos que se encontram nos braços do cruzeiro.

Mais tarde, em 1767, viriam a ser pintados os caixotões das paredes e do teto da sacristia, pinturas essas atribuídas a um pintor e mestre canteiro castelhano, Damian de Bustamante, natural de Valladolid, onde nasceu em 1713.

Segundo Lourenço et al (1999), esta grandiosa obra «foi edificada com recurso a materiais da região: alvenaria em xisto argamassado, revestimento em pedra granítica vindo da vizinha província de Castela e Leão, cal e madeira», sendo visível o aspeto da alvenaria utilizada como esqueleto estrutural em zonas não rebocadas da igreja, tais como o interior das torres e coberturas.

Na sua estrutura, o templo tem planta cruciforme e é composto por três naves, transepto, capela-mor, sacristia e casa de arrumações. A fachada principal é ladeada por duas torres, de planta quadrada, com cunhais e sineiras almofadadas, divididas em quatro registos de diferente dimensão por friso e cornijas, e superiormente rematadas em pirâmide revestida a telha.

O corpo central, em cantaria, tem adossadas, de cada lado do portal, duas colunas dóricas, sobre um soco elevado. Estas colunas são encimadas, no topo, por outras salomónicas que enquadram nichos vazios, rematadas por frontão interrompido.



ROSÁCEA -----
Elemento arquitetónico que encima o portal.

Estes nichos albergavam santos modelados em bronze que foram saqueados durante as invasões napoleónicas. Fazem hoje parte do espólio do museu do Louvre em Paris, sendo considerados património da humanidade.

O portal mainelado, de dupla moldura, é encimado por uma ampla rosácea, laboriosamente emoldurada em torno da qual são visíveis os efeitos do terramoto de 1755, pelo evidente desalinhamento dos blocos de cantaria.

Uma balaustrada remata este corpo central.

Os alçados laterais Norte e Sul, ritmados por pilastras coroadas por pináculos sobre os telhados, mostram um galilé de três tramos com abóbada de nervuras. Cada tramo ostenta uma janela de feição diferente.

O interior apresenta a nave principal de arco abatido e as laterais com arcos rampantes. Sobre eles foram feitas cruzarias de ogivas.

A zona do arco do cruzeiro apresenta abóbada de tipo anelar com falsos nervos.

O coro é sustentado por três arcos, em cantaria de pedra granítica dispostos perpendicularmente à nave, suportados por esbeltas colunas dóricas.



PORTA DO SACRÁRIO -----
Pormenor do retábulo do Altar-Mor em talha barroca.

O altar principal é ligeiramente peraltado e o retábulo ricamente decorado com talha barroca.

A sacristia contém um arcaz estriado com debruns de cordões dourados e tem o teto e as paredes revestidos por painéis ricamente decorados com pinturas onde se destacam a Pietá (a Virgem maria com o corpo de Jesus nos braços após a crucificação) e a “Invenção da Santa Cruz” pela imperatriz Santa Elena.

Flávia Júlia Elena, mais tarde conhecida por Santa Elena terá nascido na Bitínia, no seio de uma família modesta, no ano de 249.

Ainda muito jovem, casou com Constâncio Cloro que era um ambicioso oficial do exército romano que em 293 alcançou a dignidade de César. Desta união nasceu Constantino que, após a morte do pai, foi proclamado imperador tendo nomeado a mãe imperatriz.

Em 324, Constantino declarou o Cristianismo como única religião oficial do Império Romano.

Zelosa seguidora do Cristianismo, Elena decide (325-326) fazer uma peregrinação à Terra Santa em busca da cruz em que Cristo terá sido crucificado.



CRUZEIRO DE OUTEIRO -----

Erguido frente ao portal do templo em 1732 para assinalar os duzentos anos do foral atribuído à vila de Outeiro por D. Manuel I em 11 de novembro de 1514.

Foi declarado imóvel de interesse público pelo Decreto n.º 40361, publicado no Diário do Governo n.º 228 – Série I, em 20 de outubro de 1955.

Aqui mandou fazer escavações num terreno próximo da colina do Gólgota conhecida entre os habitantes de Jerusalém pela sinistra designação de “*Locus Calvariae*”, Lugar da Caveira.

A 3 de maio de 326 foram encontradas três cruzes não se sabendo, no entanto, em qual delas Cristo teria sido crucificado, uma vez que nada a identificava. Por sugestão de S. Macário, bispo de Jerusalém, cada uma delas foi colocada alternadamente sobre um defunto. Ao ser colocada sobre o homem a cruz em que Cristo foi crucificado, ele ressuscitou.

Foi a partir desta data que se passou a comemorar no dia 3 de maio a “*Invenção da Santa Cruz*” (invenção deriva do termo latino “*inventio*” que significa dar com alguma coisa, encontrar, descobrir) que tinha permanecido oculta durante três séculos.

Ficha Técnica:

Texto: César Garrido

Fotografia: Luís Ferreira

Edição: Confraria do Santo Cristo de Outeiro

Dezembro de 2012

BIBLIOGRAFIA

- Lourenço P. B., Oliveira, D. V., Mourão S. C., “*Estudo sobre a estabilidade da Igreja do Santo cristo em Outeiro*”, Guimarães, 1999.
- Lourenço, P. B., Vicente, A., “*santuário de Santo Cristo no Outeiro, Bragança – Diagnóstico das anomalias e elaboração do projecto de consolidação da fachada principal e do coro*”, Oz, Ld.ª, Lisboa, 1999.
- Mourinho, António Rodrigues, “*Arquitectura Religiosa da diocese de Miranda do Douro-Bragança*”, Sendim, 1995.